

cida. Como louco, gritou por Zacarias e Ruth. Esta, soluçante, desfeita em pranto, abraçou-se a Abigail que, desde a morte do filho, resumia todo o seu tesouro maternal.

A agonizante fixou o olhar, respectivamente em cada um, como a evidenciar amoroso agradecimento. Depois... uma só lágrima silenciosa foi o seu último adeus.

Do jardim próximo chegavam perfumes brandos; o céu crepuscular tonalizava-se de nuvens aurifulgentes, enquanto os passaros em recolhida cruzavam os ares alegremente...

Pesada amargura abatera-se sôbre a mansão da estrada de Joppe. Alara-se ao céu a filha diletta, a noiva amada, a amiga carinhosa das flores e dos passarinhos.

Saulo de Tarso ali se deixou ficar mudo, estarrecido, enquanto Ruth, lavada em lágrimas, cobria de rosas a morta adorada que parecia dormir.

X

NO CAMINHO DE DAMASCO

Durante três dias, Saulo deixou-se ficar em companhia dos amigos generosos, recordando a noiva inesquecível. Profundamente abatido, procurava remédio às máguas íntimas, na contemplação da paisagem que Abigail tanto amara. Como triste consôlo ao coração desesperado, buscava inteirar-se das preocupações da morta nos últimos tempos e, de olhos húmidos ouvia as referencias carinhosas de Ruth a tudo que se relacionava com a morta querida. Acusava a si proprio de não haver chegado mais cedo para arrebatá-la á enfermidade dolorosa. Pensamentos amargos o atormentavam, tomado de angustioso arrependimento. Afinal, com a rigidez das suas paixões, aniquilara todas as possibilidades de ventura. Com o rigorismo da sua perseguição implacavel, Estevam encontrara o suplicio terrível; com o orgulho inflexível do coração, atirara com a noiva ao antro indevassavel do túmulo. Entretanto, não podia esquecer que devia todás as coincidencias penosas áquele Cristo crucificado, que não pudera compreender. Por que topava em tudo um traço do carpinteiro humilde de Nazaré, que seu espirito voluntarioso detestava? Desde a primeira controvérsia na igreja do "Caminho", nunca mais conseguira passar um dia sem encontra-lo na fisionomia de algum transeunte, na admoestação dos amigos, na documentação oficial das suas diligencias punitivas, na boca dos miseros prisioneiros. Estevam expirara falando nele com

amor e júbilo; Abigail nos ultimos instantes consolava-se em recorda-lo e o exortava a segui-lo. Por todo esse acervo de considerações que se lhe represavam na mente exausta, Saulo de Tarso galvanizara o ódio pessoal ao Messias escarnecido. Agora que se encontrava só, inteiramente liberto de preocupações particulares de ordem afetiva, buscava concentrar esforços na punição e corretivo de quantos encontrasse transviados da Lei. Julgando-se prejudicado pela difusão do Evangelho, renovaria os processos da perseguição infamante. Sem outras esperanças, sem novos ideais, já que lhe faltavam os fundamentos para constituir um lar, entregar-se-ia de corpo e alma á tarefa da Lei de Moisés, preservando a fé e a tranquilidade dos compatriotas.

Na véspera do regresso á Jerusalém, vamos encontrar o j6vem doutor em conversa particular com Zacarias, que procurava ouvi-lo atentamente.

— A-final-de contas — exclamava Saulo sombriamente preocupado — quem será esse velho que conseguiu fascinar Abigail, a ponto de abraçar as doutrinas estranhas do Nazareno?

— Ora — replicava o outro sem maior interesse — é um desses miseraveis eremitas que se entregam comumente a longas meditações no deserto. Zelando o patrimonio espiritual da pupila que Deus me confiou, indaguei da sua origem e das atividades de sua vida, chegando a saber que se trata de um homem honesto, a-pesar-de extremamente pobre.

— Seja como f6r — objetava o rapaz com austeridade — ainda não pude compreender os motivos da tua tolerancia. Como não te insurgiste contra o inovador? Tenho a impressão de que as idéias tristes e absurdas dos adéptos do "Caminho" contribuíram, de modo decisivo, para a moléstia que vitimou a nossa pobre Abigail.

— Ponderei tudo isso, mas a atitude mental da querida morta revestiu-se de imensa consolação, depois do contacto com esse anacoreta honesto e humilde. Ananias tratou-a sempre com profundo respeito,

atendeu-a sempre alegre, não exigiu qualquer recompensa e assim procedeu com os proprios empregados, revelando uma bondade sem limites. Seria, então, lícito impugnar, desprezar beneficios? E' verdade que, na esfera de minha compreensão não poderei aceitar outras idéias além das que nos foram ensinadas por nossos avós, respeitaveis e generosos; mas não me julguei com o direito de subtrair aos outros o objeto de suas consolações mais preciosas. Tua ausencia, ao demais, colocou-me em situação difficil. Abigail fizera da tua pessoa o centro de todos os seus interesses afetivos. Sem compreender as razões que te levaram a desaparecer de nossa casa, compadeci-me da sua amargura intima, a traduzir-se em tristeza inalteravel. A pobrezinha não conseguia ocultar suas máguas aos nossos olhos amorosos. O encontro de um remédio era providencial. Desde a intervenção de Ananias, Abigail transformouse, parecia converter toda angústia em esperanças de uma vida melhor. Embora doente, recebia os mendigos que lhe vinham falar desse Jesus que, tambem eu, não consigo compreender. Eram amigos da vizinhança, gente simples, com quem ela parecia alegrar-se. Observando o mal irremediavel que a consumia, eu e Ruth acompanhavamos tudo isso enternecidamente. Como não proceder assim, se estava em j6go a paz espiritual de uma filha diletta, nos derradeiros dias da vida? E' possivel que ainda não consigas entender o sentido da minha conduta, neste particular, mas, em sã consciencia estou justificado, porquanto sei que cumpri meu dever, não lhe embargando os recursos que julgou necessários á sua consolação.

Saulo ouvia-o admirado. A serenidade e a ponderação de Zacarias infirmavam-lhe os estos mais fortes de reprimenda e severidade. As acusações veladas ao seu afastamento da noiva, sem motivo justificado, penetravam-lhe o coração com pruridos de remorso pungente.

— Sim — revidou menos áspero — reconsidero melhor as razões que te induziram a suportar tudo isso, mas, não quero, não posso e não devo exonerar-me do compromisso que assumi em desafronta da Lei.

— Mas, a que compromisso te referes? — interrogou Zacarias surpreendido.

— Quero dizer que preciso encontrar Ananias, a fim-de castiga-lo devidamente.

— Que é isso, Saulo? — objetou Zacarias pensosamente impressionado. — Abigail acaba de baixar ao sepulcro; seu espirito, de compleição sensibilissima e afetuoso, sofreu profundamente por motivos que ignoramos e que talvez conheças; o confôrto unico que ela encontrou foi, justamente, a amizade paternal desse velhinho bom e honesto; e queres puni-lo pelo bem que nos fez e á criatura inesquecível?

— Mas é a defesa da Lei de Moisés que está em jôgo — respondeu o moço tarsense com firmeza.

— Entretanto — advertiu sensatamente Zacarias — revistando os textos sagrados, não encontrei qualquer dispositivo que autorize a castigar os benfeitores.

O doutor da lei esboçou um gesto de contrariedade em face da observação justa, mas, valendo-se da sua hermeneutica, considerou com sagacidade.

Mas uma cousa é estudar a Lei e outra é defender a Lei. Na tarefa superior em que me encontro, sou obrigado a examinar se o bem não oculta o mal que condenamos. Aí reside a nossa divergencia. Tenho de punir os transviados, como necessitas podar as árvores da tua chacara.

Fez-se prolongado silêncio. Absortos em profunda meditação, separados mental e intimamente, foi Saulo quem retomou a palavra perguntando:

— Desde quando Ananias se ausentou destas paragens?

— Ha mais de dois meses.

— E chegaste a conhecer o rumo que tomou?

— Abigail disse-me que ele fôra chamado a Jerusalém, a fim-de confortar os doentes dos bairros pobres, dada a situação difícil que por lá se criara com a perseguição.

— Pois a sua ação será igualmente jugulada pelas forças da nossa vigilancia. Regressando á cidade, ama-

nhã, como pretendo, procurarei localizar-lhe o paradeiro. Ananias não dementará outras cabeças, nem chegou a pensar na reação que provocou em minha alma, embora não nos conheçamos pessoalmente.

Zacarias não conseguiu dissimular o seu desgosto e sentenciou:

— Na simplicidade da minha vida rural não posso atinar com a razão das lutas religiosas de Jerusalém; mas, enfim, trata-se de problema inerente aos teus misteres profissionais e não devo intrometer-me nas providencias que mais convenham.

Saulo deixou-se ficar longo tempo pensativo, para, em seguida, imprimir novos rumos á conversação.

No dia seguinte, muito consternado, regressou á cidade, ansioso por encher o vácuo do coração, perdido no labirinto das horas vagas. A ninguém revelou a grande amargura que lhe ia na alma. Fechando-se em mutismo absoluto, retomou as funções religiosas, de semblante carregado.

Ao sol claro da manhã alta, vamos encontra-lo no Sinhedrio, interrogando um auxiliar de serviço, com vivacidade:

— Isaac, cumpriste minhas ordens para os informes desejados?

— Sim, senhor, encontrei entre os prisioneiros um rapaz que conhece o velho Ananias.

— Muito bem — disse o doutor de Tarso evidentemente satisfeito — e onde mora o tal Ananias?

— Ah! lá isso ele não quis dizer, a-pesar-do muito que insisti. Alegou que não sabia.

— Entretanto, é possível que esteja mentindo — ajuntou Saulo com ironia. — Esses homens são capazes de tudo. Providencia já para que ele aqui compareça quanto antes. Saberei como arrancar-lhe a verdade.

Como quem já lhe conhecia as decisões irrevogáveis, Isaac obedeceu com humildade. Daí a uma hora, mais ou menos, dois soldados penetravam no gabinete, acompanhando um rapaz de fisionomia miseravel. Sem trair qualquer comoção, Saulo de Tarso mandou que

se recolhessem á sala de punições, onde iria ter com o prisioneiro dentro de alguns minutos.

Terminada a escrituração de alguns papiros, dirigiu-se, resoluto, ao salão dos castigos. Alinhavam-se, ali, todos os instrumentos odiosos e execráveis das perseguições politico-religiosas, que envenenavam Jerusalém nos embates da época.

Depois de sentar-se enfaticamente, o moço de Tarso inquiriu o mísero encarcerado com aspereza:

— Teu nome?

— Matatias Johanan.

— Conheces o velho Ananias, prégador ambulante da igreja do "Caminho"?

— Sim, senhor.

— Desde quando?

— Conheci-o nas vésperas de minha prisão, que se verificou ha um mês.

— E onde reside esse adépto do carpinteiro?

— Isso não sei — exclamou o interpelado em voz tímida. — Quando o conheci, morava num bairro pobre de Jerusalém, onde ensinava o Evangelho. Mas Ananias não tinha pouso certo. Veiu de Joppe estacionando em diversas aldeias, onde prégava as verdades de Jesus Cristo. Aqui, vivia de bairro em bairro, no seu piedoso mistér.

O moço tarsense não prestou atenção naquella attitude de profunda humildade e franzindo o sobrolho acrescentou ironicamente:

— Achas que podes mentir a um doutor da Lei?

— Senhor, eu juro... — dizia o jóvem ansiosamente.

Saulo não se dignou fixar-lhe o gesto suplicante. Dirigindo-se a um dos guardas, exclamou impassível:

— Julio, não temos tempo a perder. Necessito da informação necessária. Aplica-lhe o tormento das unhas. Acredito que, por esse processo, não se animará a prosseguir na dissimulação da verdade.

A ordem foi logo cumprida. Aguçadas pontas de ferro foram tiradas de um grande armário cheio de pó. Em poucos instantes, Julio e o companheiro, depois de

amarrarem o pobre rapaz num tronco rústico, applicavam-lhe os instrumentos ponteagudos na ponta dos dedos, provocando-lhe gritos lancinantes. O jóvem prisioneiro clamava, em vão, suas dores atrozes. Os verdugos ouviam-no com indiferença. Quando o sangue começou a gotejar da unha arrancada violentamente, a vítima bradou em altas vozes:

— Por piedade!... Confessarei tudo, direi onde ele está!... Tende compaixão de mim!...

Saulo ordenou sustassem a punição por momentos, a-fim-de ouvir as novas declarações.

— Senhor! — acrescentou o infeliz entre lágrimas — Ananias não se encontra mais em Jerusalém. Em nossa ultima reunião, três dias antes de cairmos no cárcere, o velho discípulo do Evangelho se despediu afirmando que ia fixar-se em Damasco.

Aquella voz lamentosa era um éco de profundas amarguras a se represarem num coração moço, mas repleto de penosas desilusões da vida. Saulo, entretanto, parecia não ter olhos de ver sofrimentos tão commovedores.

— E' tudo quanto sabes? — perguntou secamente.

— Juro-o — tornou o rapaz humildemente.

Diante daquella afirmação categorica, transparente no olhar sincero e na inflexão da voz comovente e triste, o doutor da lei deu-se por satisfeito mandando recolher o prisioneiro ao calabouço.

Daí a dois dias, o moço tarsense convocava uma reunião no Sinhedrio, á qual attribuia singular importancia. Os colégas acorreram ao chamado, sem exceção. Abertos os trabalhos, o doutor de Tarso esclareceu o motivo da convocação.

— Amigos, declarou ciosamente — ha tempos nos reunimos para examinar o carater da luta religiosa que se criara em Jerusalém com as atividades dos asseclas do carpinteiro de Nazaré. Felizmente, nossa intervenção chegou a tempo de evitar grandes males, dada a argúcia dos falsos taumaturgos exportados da Galiléia. A' custa de grandes esforços a atmosfera desanuviou-se. E' ver-

dade que os cárceres da cidade transbordam, mas a medida justifica-se, porquanto, é indispensável reprimir o instinto revolucionário das massas ignorantes. A chamada igreja do "Caminho" restringiu suas atividades à assistência aos enfermos desamparados. Nossos bairros mais humildes estão em paz. Voltou a serenidade aos nossos afazeres no Templo. Entretanto, não se pode afirmar o mesmo quanto às cidades vizinhas. Minhas consultas às autoridades religiosas de Joppe e Cesaréia dão a conhecer os distúrbios que os adeptos do Cristo vêm provocando, acintosamente, com prejuízo sério para a ordem pública. Não somente nesses núcleos precisamos desenvolver a obra saneadora, mas, ainda agora, chegam-me notícias alarmantes de Damasco, a requererem providências imediatas. Localizam-se ali perigosos elementos. Um velho chamado Ananias, lá está perturbando a vida de quantos necessitam de paz nas sinagogas. Não é justo que o mais alto tribunal da raça se desinteresse das coletividades israelitas noutros setores. Proponho, então, estendermos o benefício dessa campanha a outras cidades. Para esse fim, ofereço todos meus préstimos pessoais, sem onus para a casa a que servimos. Bastar-me-á, tão só, o necessário documento de habilitação, a fim de acionar todos os recursos que me pareçam acertados, inclusive o da própria pena de morte, quando a julgue necessária e oportuna.

A proposta de Saulo foi recebida com demonstrações de simpatia. Houve mesmo quem chegasse a propôr um voto especial de louvor ao seu zêlo vigilante, com aplausos unânimes da reduzida assembléia. Faltava ao cenáculo a ponderação de um Gamaliél e o sumo-sacerdote, compelido pela aprovação geral, não hesitou em conceder as cartas indispensáveis, com ampla autorização para agir discricionariamente. Os presentes abraçaram o jovem rabino com muitos elogios ao seu espírito arguto e energico. Francamente, aquela mentalidade moça e vigorosa constituía auspicioso penhor de um futuro maior, com a emancipação política de Israel. Alvo das referências lisonjeiras e estimuladoras dos amigos, Saulo de Tarso aguçava o orgulho de sua raça, esperançoso

nos dias do porvir. Verdade é que sofria amargamente com a derrocada dos sonhos da juventude, mas empreteria a soledade da existência nas lutas que reputava sagradas, ao serviço de Deus.

De posse das cartas de habilitação para agir convenientemente, em cooperação com as sinagogas de Damasco, aceitou a companhia de três varões respeitáveis, que se ofereceram a acompanhá-lo na qualidade de servidores muito amigos.

Ao fim de três dias, a pequena caravana se deslocou de Jerusalém para a extensa planície da Síria.

Na véspera da chegada, quase a termo de viagem difícil e penosa, o moço tarsense sentia agravarem-se as recordações amargas que lhe assomavam constantes. Forças secretas impunham-lhe profundas interrogações. Passava em revista os primeiros sonhos da juventude. Sua alma desdobrava-se em perguntas atrozes. Desde a adolescência que encarecia a paz interior; tinha sede de estabilidade para realizar a sua carreira. Onde encontrar aquela serenidade, que, tão cedo, fôra objeto das suas cogitações mais íntimas? Os mestres de Israel preconizavam, para isso, a observância integral da Lei. Mais que tudo, havia ele guardado os seus princípios. Desde os impulsos iniciais da juventude, abominava o pecado. Consagrara-se ao ideal de servir a Deus com todas as suas forças. Não hesitara na execução de tudo o que considerava dever, ante as ações mais violentas e rudes. Se era incontestável que tinha inúmeros admiradores e amigos, tinha igualmente poderosos adversários, graças ao seu caráter inflexível no cumprimento das obrigações que considerava sagradas. Onde, então, a paz espiritual que tanto almejava nos esforços comuns? Por mais energias que despendesse, via-se como um laboratório de inquietações dolorosas e profundas. Sua vida assinalava-se por idéias poderosas, mas no seu íntimo lutava com antagonismos irreconciliáveis. As noções da Lei de Moisés pareciam não lhe bastar à sede devoradora. Os enigmas do destino empolgavam-lhe a mente. O mistério da dor e dos destinos diferenciais crivava-o de enigmas insolúveis e sombrias inter-

rogações. Entretanto, aqueles adéptos do carpinteiro crucificado ostentavam uma serenidade desconhecida! A alegação de ignorancia dos problemas mais graves da vida, não prevalecia no caso, pois Estevam era uma intelligencia poderosa e mostrara, ao morrer, uma paz impressionante, acompanhada de valores espirituais que infundiam assombro.

Por mais que os companheiros lhe chamassem a atenção para os primeiros quadros de Damasco, que se desenhavam ao longe, Saulo não conseguia forrar-se ao solilóquio sombrio. Parecia não ver os camelos resignados, que se arrastavam pesadamente sob o sol de brasas, a pino do meio dia. Embalde foi convidado á refeição. Detendo-se por minutos num pequeno oasis delicioso, esperou que terminasse o leve repasto dos companheiros e prosseguiu na marcha, absorvido pela intensidade dos pensamentos íntimos.

Ele proprio não saberia explicar o que se passava. Suas reminiscencias atingiam os períodos da primeira infancia. Todo o seu passado laborioso aclarava-se, nitidamente, naquele exame introspectivo. Dentre todas as figuras familiares, a lembrança de Estevam e de Abigail destacava-se, como a solicita-lo para mais fortes interrogações. Por que haviam adquirido, os dois irmãos de Corinto, tal ascendencia em todos os problemas do seu égo? Por que esperava Abigail através de todas as estradas da mocidade que idealizara uma vida pura? Recordava os amigos mais eminentes e, em nenhum deles encontrou qualidades morais semelhantes ás daquele jóvem prégador do "Caminho", que afrontara a sua autoridade político-religiosa, diante de Jerusalém em peso, desdenhando a humilhação e a morte, para morrer depois abençoando-lhe as resoluções iníquas e implacaveis. Que força os unira nos labirintos do mundo, para que o seu coração nunca mais os esquecesse? A verdade dolorosa é que se encontrava sem paz interior, não obstante a conquista e gozo de todas as prerrogativas e privilegios, entre os vultos mais destacados da sua raça. Enfileirava, no pensamento, as jovens que havia conhecido no transcurso da vida, as afeiçoadas da in-

fancia e em nenhuma podia encontrar as mesmas características de Abigail, que lhe adivinhava os mais reconditos desejos. Atormentado pelas indagações profundas que lhe assoberbavam a mente, pareceu despertar de um grande pesadelo. Devia ser meio dia. Muito distante ainda, a paisagem de Damasco apresentava os seus contornos. Pomares espessos, cúpulas cinzentas que se esboçavam ao longe. Bem montado, evidenciando o aprumo de um homem habituado aos prazeres do esporte, Saulo ia á frente, em attitude dominadora.

Em dado instante, todavia, quando mal despertara das angustiosas cogitações, sentiu-se envolvido por luzes diferentes da tonalidade solar. Tem a impressão de que o ar se fende como uma cortina, sob pressão invisível e poderosa. Intimamente, considera-se presa de inesperada vertigem após o esforço mental, persistente e doloroso. Quer voltar-se, pedir o socorro dos companheiros, mas não os vê, a-pesar-da possibilidade de suplicar o auxílio.

— Jacó!... Demétrio!... Socorram-me!... — grita desesperadamente.

Mas a confusão dos sentidos lhe tira a noção de equilibrio e tomba do animal, ao desamparo, sôbre a areia ardente. A visão, no entanto, parece dilatar-se ao infinito. Outra luz lhe banha os olhos deslumbrados, e no caminho que a atmosfera rasgada lhe desvenda, vê surgir a figura de um homem de majestática beleza, dando-lhe a impressão de que descia do céu ao seu encontro. Sua túnica era feita de pontos luminosos, os cabelos tocavam nos ombros, á nazarena, os olhos magnéticos, imantados de simpatia e de amor, iluminando a fisionomia grave e terna, onde pairava uma divina tristeza.

O doutor de Tarso contemplava-o com espanto profundo:

— Saulo!... Saulo!... — falou o desconhecido com inflexão de voz inesquecível — por que me persegues?

O moço tarsense não sabia que estava instintivamente de joelhos. Sem poder definir o que se passava,

comprimiu o coração numa atitude desesperada. Incoer-sível sentimento de veneração apossou-se inteiramente dele. Que significava aquilo? De quem o vulto divino que entrevia no painel do firmamento aberto e cuja presença lhe inundava o coração precipite de emoções desconhecidas?

Enquanto os companheiros cercavam o jovem genuflexo, sem nada ouvir nem ver, não obstante haverem percebido, a princípio, uma grande luz no alto, Saulo interrogava em voz trêmula e receosa:

— Quem sois vós, Senhor?

Aureolado de uma luz balsâmica e num tom de inconcebível doçura, o Senhor respondeu:

— Eu sou Jesus!...

Então viu-se o orgulhoso e inflexível doutor da Lei curvar-se para o sólo, em pranto convulsivo. Dir-se-ia que o apaixonado rabino de Jerusalém fôra ferido de morte, experimentando num momento a derrocada de todos os princípios que lhe conformaram o espírito e o nortearam, até então, na vida. Diante dos olhos tinha, agora, e assim, aquele Cristo magnanimo e incompreendido! Os prégadores do "Caminho" não estavam iludidos! A palavra de Estevam era a verdade pura! A crença de Abigail era a senda real. Aquele era o Messias! A história maravilhosa da sua ressurreição não era um recurso lendário para fortificar as energias do povo. Sim, ele Saulo, via-o ali no esplendor de suas glórias divinas! E que amor deveria animar-lhe o coração cheio de augusta misericórdia, para vir encontra-lo nas estradas desertas, a ele Saulo, que se arvorara em perseguidor implacável dos discípulos mais fiéis!... Na expressão de sinceridade da sua alma ardente, considerou tudo isso na fugacidade de um minuto. Experimentou invencível vergonha do seu passado cruel. Uma torrente de lágrimas impetuosas lavava-lhe o coração. Quís falar, penitenciar-se, clamar suas infindas desilusões, protestar fidelidade e dedicação ao Messias de Nazaré, mas a contrição sincera do espírito arrependido e dilacerado embargava-lhe a voz.

Foi quando notou que Jesus se aproximava e, con-

templando-o carinhosamente, tocou-lhe os ombros com ternura, dizendo com inflexão paternal:

— Não recalcitres contra os agulhões!...

Saulo compreendeu. Desde o primeiro encontro com Estevam, forças profundas o compelliam a cada momento e em qualquer parte, á meditação dos novos ensinamentos. Cristo chamara-o por todos os meios e de todos os modos.

Sem que pudessem entender a grandeza divina daquele instante, os companheiros de viagem viram-no chorar mais copiosamente.

O moço de Tarso soluçava. Ante a expressão doce e persuasiva do Messias Nazareno, considerava o tempo perdido em caminhos escabrosos e ingratos. Doravante necessitava reformar o patrimonio dos pensamentos mais intimos; a visão de Jesus ressuscitado aos seus olhos mortais renovava-lhe integralmente as concepções religiosas. Certo, o Salvador apiedara-se do seu coração leal e sincero, consagrado ao serviço da Lei, e descera da sua glória estendendo-lhe as mãos divinas. Ele, Saulo, era a ovelha perdida no resvaladouro das teorias escaldantes e destruidoras. Jesus era o Pastor amigo que se dignava fechar os olhos para os espinheiros ingratos, a-fim-de salva-lo carinhosamente. Num ápice, o jovem rabino considerou a extensão daquele gesto de amor. As lágrimas brotaram-lhe do coração amargurado, como a linfa pura de uma fonte desconhecida. Ali mesmo, no santuário augusto do espírito, fez o protesto de entregar-se a Jesus para sempre. Recordou, de súbito, as provações rígidas e dolorosas. A idéia de um lar morrera com Abigail. Sentia-se só e acabrunhado. Doravante, porém, entregar-se-ia ao Cristo, como simples escravo do seu amor. E tudo invidaria para provar-lhe que sabia compreender o seu sacrificio, amparando-o na senda escura das iniquidades humanas, naquele instante decisivo do seu destino. Banhado em pranto, como nunca lhe acontecera na vida, fez, ali mesmo, sob o olhar assombrado dos companheiros e ao calor escaldante do meio dia, a sua primeira profissão de fé:

— Senhor, que quereis que eu faça?

Aquela alma resoluta, mesmo no transe de uma capitulação incondicional, humilhada e ferida em seus princípios mais estimáveis, dava mostras de sua nobreza e lealdade. Encontrando a revelação maior, em face do amor que Jesus lhe demonstrava solícito, Saulo de Tarso não escolhe tarefas para servi-lo, na renovação de seus esforços de homem. Entregando-se-lhe de alma e corpo, como se fôra ínfimo servo, interroga com humildade o que desejava o Mestre da sua cooperação.

Foi aí que Jesus, contemplando-o mais amorosamente e dando-lhe a entender a necessidade dos homens se harmonizarem no trabalho comum da edificação de todos, no amor universal, em seu nome, esclareceu generosamente:

— Levanta-te, Saulo! Entra na cidade e lá te será dito o que te convem fazer!...

Então, o moço tarsense não mais percebeu o vulto amável, guardando a impressão de estar mergulhado num mar de sombras. Prostrado, continuava chorando, causando piedade aos companheiros. Esfregou os olhos como se desejasse rasgar o véu que lhe obscurecia a vista, mas, só conseguia tactear no seio das trevas densas. Aos poucos, começou a perceber a presença dos amigos, que pareciam comentar a situação:

— A-final, Jacó — dizia um deles evidenciando grande preocupação — que faremos agora?

— Acho bom — respondia o interpelado — enviaremos Jonas a Damasco, requisitando providencias imediatas.

— Mas, que se teria passado? — perguntava o velho respeitável que respondia por Jonas.

— Não sei bem — esclarecia Jacó impressionado — a princípio, notei intensa luz nos céus e, logo em seguida, ouvi que ele pedia socorro. Nem tive tempo de atender, porque, no mesmo instante ele caiu do animal, sem poder esperar qualquer recurso.

— O que me preocupa — ponderava Demétrio — é esse diálogo com as sombras. Com quem conversará ele? Se lhe escutamos a voz e não vemos ninguém, que

se passará aqui, nesta hora, sem que possamos compreender?

— Mas não percebes que o chefe está em delírio? — objetou Jacó prudentemente — as grandes viagens, com o só causticante, costumam abater as organizações mais resistentes. Além disso, como vimos, desde a manhã, ele parece acabrunhado e doente. Não se alimentou, enfraqueceu-se com o esforço destes dias tão longos, que estamos atravessando, desde Jerusalém, com grande sacrificio. A meu ver — concluía abanando a cabeça entristecido — trata-se de um desses casos das febres que atacam repentinamente no deserto...

O velho Jonas, no entanto, de olhos arregalados, fixava o rabino soluçante, com grande admiração. Depois de ouvir a opinião dos companheiros, falou, receoso, como se temesse ofender alguma entidade desconhecida:

— Tenho grande experiencia destas marchas com o só a pino. Gastei a mocidade conduzindo camelos através dos desertos da Arábia. Mas, nunca vi um doente, nesses lugares, com estas características — a febre dos que cáem extenuados no caminho não se manifesta com delírio e com lágrimas. O enfermo cái abatido, sem reacções. Aqui, porém, observamos o patrão como se estivesse a conversar com um homem invisível para nós. Reluto em aceitar essa hipótese, mas estou desconfiado de que, em tudo isso, haja sinál dos sortilégios do "Caminho". Os seguidores do carpinteiro sabem processos mágicos que estamos longe de compreender. Não ignoramos que o doutor se consagrou á tarefa de perseguir-los onde se encontrem. Quem sabe planejaram contra ele alguma vingança cruel? Ofereci-me para vir a Damasco, a-fim-de fugir dos meus parentes, que parecem seduzidos por essas doutrinas novas. Onde já se viu curar a cegueira de alguém com a simples imposição das mãos? Entretanto, meu irmão curou-se com o famoso Simão Pedro. Só a feitiçaria, a meu ver, esclarecerá essas cousas. Vendo tantos fatos misteriosos, em minha propria casa, tive medo de Satanaz e fugi.

Recolhido em si proprio, surpreendido no meio das trevas densas que o envolviam, Saulo escutou os co-

mentarios dos amigos, experimentando grande abatimento, como se voltasse exausto e cego, de uma imensa derrota.

Limpando as lágrimas, chamou um deles com profunda humildade. Acudiram todos sollicitamente.

— Que aconteceu? — perguntou Jacó preocupado e ansioso. — Estamos aflitos por vossa causa. Estais doente, senhor!... Providenciaremos o que julgardes necessário!...

Saulo fez um gesto triste e acrescentou:

— Estou cego.

— Mas que foi? — perguntou o outro inquieto.

— Eu vi Jesus Nazareno! — disse contrito, inteliramente modificado.

Jonas fez um sinal significativo, como a afirmar aos companheiros que tinha razão, entreolhando-se todos muito admirados. Entenderam, de modo instintivo, que o jovem rabino se havia perturbado. Jacó, que era pessoa da sua intimidade, tomou a iniciativa das primeiras providencias e acentuou:

— Senhor, lamentamos vossa enfermidade. Precisamos resolver quanto ao destino da caravana.

O doutor de Tarso, entretanto, revelando uma humildade que jamais se coadunara com o seu feitio dominador, deixou cair uma lágrima e respondeu com profunda tristeza:

— Jacó, não te preocupes comigo... Relativamente ao que me cumpre fazer, preciso chegar a Damasco, sem demora. Quanto a vocês... — e a voz reticenciosa quebrantara-se dolorosamente, como premida de grande angústia, para concluir em tom amargo — façam como quiserem, pois, até agora, vocês eram meus servos, mas, de ora em diante eu também sou escravo, não mais me pertengo a mim mesmo.

Ante aquela voz humilde e triste, Jacó começou a chorar. Tinha plena convicção de que Saulo enlouquecera. Chamou os dois companheiros á parte e explicou:

— Vocês voltarão para Jerusalém com a triste nova, enquanto me dirijo á cidade proxima, com o doutor,

a providenciar da melhor forma. Leva-lo-ei aos seus amigos e buscaremos o socorro de algum médico... Noto-o extremamente perturbado...

O jovem rabino científicoou-se das deliberações quasi sem surpresa. Conformou-se passivamente com a resolução do servo. Naquela hora, submerso em trevas densas e profundas, tinha a imaginação repleta de conjeturas transcendentales. A cegueira súbita não o afligia. Do âmbito daquela escuridão que lhe enchia os olhos da carne, parecia emergir o vulto radioso de Jesus, aos seus olhos de Espírito. Era justo que cessassem as suas percepções visuais, a-fim-de conservar, para sempre, a lembrança do glorioso minuto de sua transformação para uma vida mais sublime.

Saulo recebeu as observações de Jacó, com a humildade de uma criança. Sem uma queixa, sem resistencia, ouviu o trotar da caravana que regressava, enquanto o velho servidor lhe oferecia o braço amigo, tomado de infinitos receios.

Com o pranto a escorrer dos olhos inexpressivos, como perdidos nalguma visão indevassavel no vacuo, o orgulhoso doutor de Tarso, guiado por Jacó, seguiu a pé, sob o sol ardente das primeiras horas da tarde.

Comovido pelas benções que recebera das esferas mais elevadas da vida, Saulo chorava como nunca. Estava cego e separado dos seus. Dolorosas angústias represavam-se-lhe no coração opresso. Mas a visão do Cristo redivivo, sua palavra inesquecível, sua expressão de amor lhe estavam presentes na alma transformada. Jesus era o Senhor, inacessível á morte. Ele orientaria os seus passos no caminho, dar-lhe-ia novas ordens, secaria as chagas da vaidade e do orgulho que lhe corroiam o coração; sobretudo, conceder-lhe-ia forças para reparar os erros dos seus dias de ilusão.

Impressionado e triste, Jacó guiava o chefe amigo, perguntando a si próprio a razão daquele pranto incessante e silencioso.

Envolvido na sombra da cegueira temporária, Saulo não percebeu que os mantos espessos do crepúsculo abraçavam a natureza. Nuvens escuras precipitavam a

quêda da noite, enquanto ventos sufocantes sopravam da imensa planície. Dificilmente, acompanhava as passadas de Jacó, que desejava apressar a marcha, receoso da chuva. Coração resoluto e enérgico, não reparava os obstáculos que se antepunham á sua jornada dolorosa. Faltava-lhe a visão, necessitava de um guia; mas Jesus recomendara que entrasse na cidade, onde lhe seria dito o que tinha a fazer. Era preciso obedecer ao Salvador que o honrara com as supremas revelações da vida. A passos indecisos, ferindo os pés em cada movimento inseguro, caminharia de qualquer modo para executar as ordens divinas. Era indispensavel não observar as dificuldades, era imprescindível não esquecer os fins. Que importava o olhar em trevas, o regresso da caravana a Jerusalém, a penosa caminhada a pé em demanda de Damasco, a falsa suposição dos companheiros a respeito da inolvidavel occorrença, a perda dos títulos honoríficos, o repúdio dos sacerdotes seus amigos, a incompreensão do mundo inteiro, diante do fato culminante do seu destino?

Saulo de Tarso, com a profunda sinceridade que lhe caracterizava as mínimas ações, só queria saber que Deus havia mudado de resolução a seu respeito. Ser-lhe-ia fiél até o fim.

Quando as sombras crepusculares se faziam mais densas, dois homens desconhecidos entravam nos subúrbios da cidade. Embora a ventania afastasse as nuvens tempestuosas na direção do deserto, grossos pingos de chuva caíam, aqui e ali, sôbre a poeira ardente das ruas. As janelas das casas residenciais fechavam-se com estrépito.

Damasco podia recordar o jôvem tarsense, formoso e triunfador. Conhecia-o nas suas festas mais brilhantes, costumava aplaudir-lo nas sinagogas. Mas vendo passar na via pública aqueles dois homens cansados e tristes, jamais poderia identifica-lo naquele rapaz, que caminhava cambaleando, de olhos mortos...

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

I

RUMO AO DESERTO

— Aonde iremos, senhor? — atreveu-se Jacó a perguntar, timidamente, logo que entraram nas ruas tortuosas.

O moço tarsense pareceu refletir um minuto e acenou:

— E' verdade que trago comigo algum dinheiro; entretanto, estou em situação muito difficil; sinto precisar mais de assistencia moral que de repouso físico. Tenho necessidade de alguém que me ajude a compreender o que se passou. Sabes onde reside Sadoc?

— Sei — respondeu o servo compungido.

— Leva-me até lá... Depois de me avistar com algum amigo, pensarei numa estalagem.

Não se passou muito tempo e ei-los á porta de um edificio de singular e soberba apparencia. Muralhas bem delineadas cercavam extenso átrio adornado de flores e arbustos. Descansando junto ao portão de entrada, Saulo recomendou ao companheiro:

— Não convem que me aproxime assim, sem aviso. Jamais visitei Sadoc nestas condições. Entra no átrio, chama-o e conta-lhe o que se passou comigo. Esperarei aqui, mesmo porque não posso dar um passo.

O servo obedeceu prontamente. O banco de repouso distava alguns passos do largo portão de acesso, mas ficando só, ansioso de ouvir um amigo que o compreen-